

2. A BASE DOS ESTUDOS DE HISTÓRICA LINGUÍSTICA

Texto traduzido e adaptado de Historical Linguistics: An Introduction (1962) de Winfred P. Lehmann (3ª. edição, 1992 [reimpressão de 1994]. Londres e Nova York: Routledge).

2.1. ALGUNS PRECURSORES DO ESTUDO HISTÓRICO

Por motivos pedagógicos, distinguimos entre a linguística histórica e a linguística descritiva, como também subáreas com ênfases especiais, tal como a sociolinguística e a psicolinguística. Não obstante, tais distinções são artificiais, como um levantamento do estudo de linguagem demonstra. A não ser que se limite a uma forma idealizada, todas as línguas estão mudando. A linguística, pois, é propriamente uma ciência histórica, da mesma maneira que são a geologia, a astronomia e outras ciências que observam, descrevem e explicam seu objeto de investigação. Assim, essas matérias se contrastam com a química e a física, em que muitas conclusões são observadas, descritas e explicadas por meio da experimentação. Embora tratemos neste capítulo com certo destaque dos estudos históricos, não podemos descontar a relação estreita entre a investigação histórica e descritiva. Em grande medida, a investigação histórica está construída sobre trabalhos descritivos. Muitos dos problemas básicos na história linguística exigem descrição minuciosa para serem resolvidos, como veremos em seguida.

Em tempos anteriores, o estudo da linguagem era influenciado e frequentemente direcionado por interesses além dos linguísticos. Inicialmente, as motivações eram principalmente religiosas. Para os gregos e os romanos, por outro lado, a atenção à linguagem era incluída nos campos da filosofia e retórica, ainda que produzissem gramáticas que eram preservadas até o século XVIII. Durante a Idade Média, as preocupações eram principalmente teológicas, com uma crescente produção de gramáticas e tratados nos séculos XVI e XVII que com frequência surgiam por esforços religiosos. A informação sobre muitas línguas reunida dessa maneira fornecia a base para o estudo histórico que se tornou proeminente nas primeiras décadas do século XIX. Essas investigações passaram a desenvolver sua metodologia e teoria, como veremos nas seções que seguem.

Duas questões que ainda concernem a linguística histórica preocupavam os pensadores ocidentais antigos sobre a linguagem: (1) Qual é sua origem? (2) Por que há muitas línguas e não apenas uma? Pensadores hebraicos forneceram suas respostas a ambas as questões. No que diz respeito à primeira, eles afirmaram que Deus denominou os maiores objetos em Criação: o dia e a noite, o céu, a terra, os mares (Gênesis 1.5-10); sob a orientação de Deus, posteriormente, Adão pôs os nomes aos animais e as aves (Gênesis 2.20). Nenhuma outra fonte é proferida para a origem dos demais nomes, nem para os verbos e os outros elementos da linguagem; a origem da linguagem não é discutida mais no Testamento Antigo.

A explicação hebraica para a diversidade das línguas também é breve e simples. Originalmente “de uma só língua”, o povo ofendeu a Deus por empreender a construção de uma torre que alcançaria os céus e serviria como seu centro. Para impedir seu plano, Deus confundiu sua linguagem. Sem conseguir se comunicar, os seres humanos se dispersaram, presumivelmente conforme os grupos sociais designados pelos descendentes de Noé (Gênesis 10 e 11).

2.1.1. A etimologia:

Embora os hebreus não tenham elaborado as respostas apresentadas em seus livros religiosos, os estudiosos ocidentais na tradição cristã adotaram essas afirmações como fundamentais. Alguns concluíram que a linguagem antes de Babel, dada ou estimulado por Deus, envolvia uma relação direta entre a palavra e o objeto ou a atividade por ela representada. A procura para este estado precoce consistia na etimologia – “a investigação do significado verdadeiro” – um tema que já havia ocupado a Platão e seus sucessores. A etimologia neste sentido continuou a ser a preocupação dominante ao longo da Idade Média.

O estudo da etimologia se fundamentava nos trabalhos dos gregos, especialmente o diálogo *Crátilo* de Platão (ca. 427-347 a.C.). Os dois protagonistas no diálogo debatem se as palavras recebem seus valores por natureza ou por convenção. A posição de Crátilo, que defendia que os nomes eram dados “por natureza” acabou tornando-se dominante. Por não se interessarem por outras línguas além da sua, os gregos nunca conseguiram estabelecer etimologia numa base histórica. Quando algum nome não era facilmente interpretável, por exemplo, uma palavra como *blackberry*, os gregos e romanos lançavam mão de etimologias que nos podem parecer excêntricas e fantasiosas. Por exemplo, a palavra latina *vulpēs* “raposa” era explicada como um composição de *volō* “eu voo” e *pēs* “pé”, porque, segundo o etimologista, as raposas correm rapidamente. Tais etimologias foram ridicularizados nos manuais. Obviamente, elas não são corretas do ponto de vista histórico; entretanto, não deveríamos esquecer o objetivo dos etimologistas greco-romanos. Suas etimologias eram mais parecidas à interpretação textual moderna, embora seu enfoque fosse as palavras.

Convém-nos também levar em consideração que o significado ou a interpretação de um termo pode mudar. O conhecido linguista americano, William Dwight Whitney (1827-94) bradou que “a etimologia, a investigação histórica de palavras individuais, são os alicerces e a subestrutura de toda pesquisa linguística (1982: 55). No entanto, sua *Gramática do sânscrito*, muito consultada, é puramente descritiva. Além disso, as palestras de Saussure, que serão discutidas em 2.6, mudaram a base da investigação linguística para a descrição.

2.1.2. A origem e a essência da linguagem:

Ao procurarem a origem ou a essência da linguagem, os estudiosos do século XVI e muitos em séculos posteriores pressupunham que a “uma mesma língua e um mesmo modo de falar” de Gênesis 11.1 era uma referência ao hebraico. Em decorrência dessa crença, eles procuravam derivar todas as línguas do hebraico, embora alguns tenham escolhido outras línguas, como Goropius Becanus, que selecionou o holandês. As informações sobre as línguas do mundo que cresciam lentamente, em grande parte colecionadas por missionários jesuítas, conduzia, no decorrer do tempo, à rejeição do hebraico como a primeira língua, em que todas as outras línguas tinham sua origem. Um

resquíio dessa antiga pressuposta, o termo “cámito-semítico” ainda é aplicado a um grupo extensivo de línguas.

Embora os estudos linguísticos na Índia antiga também tenham sido iniciados por motivos religiosos, as conclusões tiradas pelos linguistas indianos eram muito diferentes das ocidentais, principalmente porque o pensamento indiano era totalmente desinteressado por questões históricas. O motivo dominante para o estudo linguístico na Índia focava na preservação do texto exato dos hinos sagrados conhecidos como os *Vedas*. Compostos principalmente de hinos dirigidos ao deuses, segundo a visão indiana, os hinos tinham que ser mantidos sem mudança alguma para que continuassem a ser efetivos. Como o sânscrito, tal como todas as línguas naturais, estava mudando, esforçava-se descrevê-lo minuciosamente. O resultado desse trabalho foi a mais completa gramática jamais compilada para qualquer língua. A gramática é atribuída ao gramático Panini. Não se conhece suas datas, mas pressupõe-se que vivia por volta do ano 400 a.C. Ademais do trabalho de Panini, estudantes de linguagem indianos escreviam muitos outros tratados e, também, dicionários. Esses textos eram completamente desconhecidos no Ocidente até o fim do século XVIII.

Outras tradições de estudo linguístico também eram ignoradas, tal como a dos acadianos. Desde o final do terceiro milênio antes de Cristo, os acadianos produziam dicionários da sua própria língua e também da língua suméria. Não obstante, como a escrita acadiana não foi decifrada até os meados do século XIX, o trabalho linguístico dos acadianos não influenciou em nada o desenvolvimento da linguística ocidental. Tampouco, a atividade dos gramáticos árabes medievais, a qual somente agora está atraído a atenção de linguistas ocidentais.

É curioso, pois, notar que as contribuições dos interesses linguísticos anteriores eram descrições. Desde o momento da fundação das universidades europeias, as três primeiras artes liberais – o *trivium* – tratava exclusivamente da linguagem. As matérias eram gramática, retórica e lógica. O latim era a língua de instrução e fornecia o modelo para as gramáticas de línguas modernas. Consequentemente, os linguistas históricos do século XIX dominavam o latim e também o grego completamente; ademais, muitos deles aprenderam o sânscrito. A disponibilidade de manuais descritivos escritos nessas línguas importantes, como também nas principais línguas germânicas, fornecia um meio para os avanços rápidos que examinaremos abaixo.

2.2. Os séculos XVI a XVIII

A maior preocupação linguística durante esses séculos era descritiva. Apenas para tratar do alto alemão moderno, Jellinek precisou de dois volumes. Entretanto, o interesse crescia pela classificação e história das línguas. Não conseguimos mencionar mais que alguns desses estudiosos neste espaço reduzido. Konrad Gessner (1516-65) partiu para classificar as línguas em seu livro *Mithridates* de 1555. O subtítulo que foi apêndice à obra sugere que Gessner tentou tratar das diferenças entre as línguas antigas, ademais das contemporâneas do mundo inteiro. O título que o autor escolheu, e que vários outros escritores posteriores utilizaram também, foi uma referência ao nome do rei de Ponto (132?-63 a.C.) que era reputado de falar vinte e cinco línguas.

A classificação de Gessner utiliza algumas relações históricas. O autor sabia que as línguas românicas são as formas modernas do latim; contudo, tal como os demais estudiosos de seu tempo e mais tarde, Gessner aceitava a autoridade do Velho

Testamento e pressupunha que o hebraico fosse a primeira e mais antiga das línguas humanas.

O grande polímato, Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646-1714) rejeitou a hipótese hebraica. Seu principal interesse no estudo histórico e comparativo das línguas foi estabelecer as origens e relações étnicas. Leibniz assumia a existência de uma *Ursprache* (“língua original”) que era dividida em dois subgrupos: o jafético e o aramaico. O ramo jafético era dividido por sua vez entre o cítico e o celta; as subdivisões do cítico eram o turco, o eslavo, o finlandês e o grego; as do grupo celta eram o germânico e o próprio celta. Leibniz também propunha línguas misturadas, das quais o latim era uma. O ramo aramaico também apresentava dois subgrupos: o árabe, a que pertencia o hebraico, e o egípcio.

Embora a classificação de Leibniz tenha pouco valor intrínseco, seu apoio para a aplicação ponderada na hora de colecionar dados sobre muitas línguas e descrevê-las detalhadamente era muito relevante. O resultado final dessa ênfase foi o grande *Mithridates* de Adelung, escrito entre 1806 e 1816. Esta obra era descritiva e tipológica na sua abordagem. O texto representa o cume de três séculos de reunir materiais sobre o maior número possível de línguas. Alguns dos dados são errados, mas muitas das observações ainda são válidas. Entretanto, o livro é pouco mais do que uma série de listagens cujo objetivo não é histórico, como o arranjo das línguas por Adelung – pelo tipo de palavra, tal como monossílabas – nos demonstra.

Enquanto a descrição das línguas permanecia o enfoque principal desses três séculos, alguns indivíduos insistiam em reunir material com que eles iniciaram a classificação das línguas conforme sua relação genealógica. O mais notável desses estudiosos pode ter sido Eugene Aram (1704-59), certamente o único linguista a ser romantizado numa balada popular e também num romance de Bulwer-Lytton com seu nome como o título. Seu tratamento literário veio de um assassinato sensacionalizado que ficou não resolvido durante muitos anos, mas resultou em Aram sendo enforcado quatorze anos depois que o crime foi cometido. Sua estatura entre os linguistas vem dele ser o primeiro a reconhecer que o celta está aparentado às demais línguas indo-europeias e sua afirmação de o latim não ser derivado do grego. Em ambas essas posições, Aram se diferia de seu grande contemporâneo, Leibniz.

Outros estudiosos propunham relações genealógicas, como James Parsons em seu livro *The Remains of Japhet* (“Os Vestígios de Jafé”) de 1767. Embora ele tenha incluído algumas classificações acertadas, Parsons, tal como os estudiosos anteriores, não demonstrou as provas sistemáticas que inauguraram a linguística histórica no início do século XIX. Sua obra é interessante como uma exemplificação do tentear o caminho em direção às conclusões alcançadas pela introdução de uma metodologia rigorosa. No título do livro de Parsons, vemos a manutenção da explicação de Gênesis: até Sir William Jones, quem recebe o aclamo de ter fornecido o ímpeto para a nova ciência, defendia a veracidade da versão bíblica. A cronologia necessária e a classificação conforme os descendentes de Noé impossibilitava qualquer exatidão. A linguística histórica data seu surgimento do trabalho de Rasmus Rask, Franz Bopp e Jacob Grimm.

2.3. O desenvolvimento inicial da linguística histórica

O muito citado parágrafo de Sir William Jones (1746-94) sobre a afinidade forte entre o sânscrito e o grego, o latim e outras línguas ocidentais continuava influente

muitos anos após sua apresentação em 1786. Demorou para textos em sânscrito alcançarem a comunidade de estudiosos europeia, tanto pelas Guerras Napoleônicas quanto pelo transporte devagar. Muitos textos foram detidos em Paris, onde atraíram a atenção do jovem estudioso brilhante, Franz Bopp (1791-1867). Ele continuou sua formação em Paris, justamente para poder trabalhar com manuscritos sânscritos. Obras seminais de Bopp (1816) e de Jacob Grimm (1822) logo despertaram um enorme interesse na linguística histórica, que levava a investigação linguística para longe dos tratamentos descritivos.

Não todas as atividades históricas eram direcionadas à família indo-europeia. Em 1799, o húngaro Sámuel Gyarmathi (1751-1830) conseguiu relacionar o húngaro com o finlandês, estabelecendo assim a base para a família fino-úgrica.

O interesse na linguística histórica recebia apoio da atenção prestada a períodos passados pelo movimento romântico. Entre as opiniões sustentadas pelos românticos, era a crença de que os costumes sociais contemporâneos, ou bem jurídicos, literários ou linguísticos, seriam melhor entendidos através do conhecimento de etapas anteriores. Por isso, os irmãos Grimm reuniram sua coleção tão popular de contos de fadas, acreditando que eram repositórios de literatura antiga. Também publicaram uma obra voluminosa sobre o direito germânico antigo. Assim, quando Jacob Grimm passou a escrever uma gramática das línguas germânicas, a seção mais conhecida devia muito a dois precursores, Friedrich Schlegel e Georges Cuvier.

Depois de um tempo em que estudou em Paris, Friedrich Schlegel (1772-1829) publicou um livro “Sobre a Língua e a Sabedoria dos Indianos” em 1808. Entre os princípios analíticos mais notáveis foi a insistência em examinar a linguagem para estabelecer sua estrutura mais profunda. Portanto, esse conceito norteava as investigações de linguística histórica desde o início, e não surgiu pela influência de Saussure ou de outros linguistas ainda posteriores, como tem-se acreditando com frequência. Como sua segunda máxima, Schlegel recorreu a gramática comparativa para informação sobre a genealogia das línguas, tal como a anatomia comparativa esclarecia a história natural.

Quatro anos após a publicação de Schlegel, o renomado anatomista Georges Cuvier (1769-1832) publicou um tratado que tem sido muitas vezes reimpresso no qual asseverou vigorosamente a íntima inter-relação de todas as partes de um organismo. A obra de Cuvier tinha um enorme impacto no estudo da história natural, especialmente no que dizia respeito ao tratamento dos fósseis. Segundo Cuvier, “cada indivíduo organizado representa um sistema inteiro próprio, do qual todas as partes correspondem e concordam mutuamente ... Portanto, nenhuma parte individual pode mudar sua forma sem que ocorra uma mudança correspondente nas demais partes do mesmo animal”. Adotando o organismo bem explorado como seu modelo, os linguistas se serviam dele para guiá-los nas suas conclusões, tal como os linguistas ao final do mesmo século começaram a usar modelos matemáticos da linguagem. Na mesma maneira como Cuvier visualizava os organismos como sistemas, com componentes intimamente relacionados, os primeiros linguistas consideravam a linguagem. Eles reconheciam que a linguagem sofria mudanças e eles pressupunham que qualquer mudança afetaria outros elementos do sistema. Ademais, com o passar do tempo, adotou-se também a visão de Cuvier de que, se se dispusesse de apenas um fragmento restante de um sistema, tal como um fóssil, seria possível reconstruir o sistema completo. Essa perspectiva influenciou de modo decisivo o tratamento de Grimm das oclusivas germânicas.

A monografia de Bopp sobre o sistema de conjugação do sânscrito comparado com o de grego, persa e germânico de 1816 quase não precisava de outro modelo, sendo informado pelo sistema firmemente unido do sânscrito, além da apresentação desse sistema do gramáticos indianos. Bopp seguiu a monografia com uma gramática comparativa (1833) que passou por várias edições, a última das quais foi publicada após sua morte (1866-74). O protótipo durante toda a vida dele, a gramática reflete o interesse preponderante do período precoce em seu foco morfológico.

Três anos depois da publicação da monografia de Bopp, Jacob Grimm (1785-1863) publicou o primeiro volume de sua gramática, que tratava somente de morfologia. Então, Grimm soube de uma publicação protelada de 1818 de Rasmus Rask (1787-1832). Nesse trabalho, Rask listou as relações fonológicas entre palavras gregas e norrenas (o escandinavo antigo), como *patér : faðir*. A apresentação de Rask, no entanto, centrou-se nos sons individuais e não nas classes de sons. Depois de ler o texto de Rask, Grimm rescreveu seu primeiro volume (1822) e nele, formulou as regras que estabeleceram o modelo para a fonologia histórica científica. Embora organizadas conforme um padrão um tanto diferente das regras que vigoram atualmente, evidenciava-se o mesmo rigor.

grego	gótico	AAA ¹	grego	gótico	AAA	grego	gótico	AAA
<i>p</i>	<i>f</i>	<i>b (v)</i>	<i>t</i>	<i>th</i>	<i>d</i>	<i>k</i>	-	<i>g</i>
<i>b</i>	<i>p</i>	<i>F</i>	<i>d</i>	<i>t</i>	<i>z(=[ts])</i>	<i>g</i>	<i>k</i>	<i>ch</i>
<i>f</i>	<i>b</i>	<i>P</i>	<i>th (=θ)</i>	<i>d</i>	<i>t</i>	<i>ch(=[χ])</i>	<i>g</i>	<i>k</i>

Uma longa listagem de exemplos segue as regras, num procedimento que deve ser seguido hoje em qualquer instância de aplicação do método comparativo. De igual relevância, Grimm contou “instâncias nas quais as comparações propostas falham”, dentre as quais as formas com as oclusivas aspiradas do sânscrito e a palavra “pai” nas línguas germânicas, em que deparamos com *d* em gótico em lugar do *th* antecipado. Dessa maneira, Grimm procurou explicar todos os exemplos, primeiro pelas regras, então em anotações sobre as formas problemáticas.

Além de depreender a perscrutação rigorosa dos dados realizado por Grimm, é instrutivo notar as insuficiências e as melhoras subsequentes que ocorreram nos seus procedimentos. As classes fonológicas discriminadas por Grimm juntaram sons que mais tarde foram distinguidos, tais como as fricativas e as aspiradas, que Grimm denominou “*aspiratae*”. A fonética estava pouco desenvolvida; o termo “letra” servia tanto para o som quanto para o símbolo escrito, embora, quando o estudioso queria distinguir os sons dos símbolos, o som fosse descrito como uma letra com *potestas* (“poder”). Apesar de tais deficiências, as regras demonstravam as inter-relações fonológicas dentre as línguas indo-europeias, do mesmo modo que o sistema de Bopp já havia realçado as relações entre os sistemas verbais. Um alicerce sólido havia sido cavado, portanto, para a investigação das línguas indo-europeias, que prosseguia vigorosamente nas décadas que seguiam.

Grimm terminou sua produtiva carreira com a publicação, em parceria com seu irmão Wilhelm, do primeiro volume do gigantesco dicionário da língua alemã (1854). A

¹ AAA = “Alto alemão antigo”.

obra foi terminada, sob a direção de muitos editores, em 1954, e atualmente está sendo revisada.

Enquanto Bopp e Grimm produziram as obras fundamentais na área de gramática, August Pott (1802-87) se dedicou a um estudo abrangente da etimologia indo-europeia entre 1833-36, do qual uma edição posterior foi publicada em 1859-76 em dez volumes. Embora ficasse rapidamente relegado, o trabalho de Pott é notável por sua atenção à fonologia. Na primeira metade do século XIX, grandes avanços foram atingidos na fonética, graças em grande medida aos médicos que tratavam de defeitos de fala. Ernst Brücke publicou vários trabalhos nessa área, tal como seu “Indagações na formação dos sons e no sistema natural dos sons da fala” (1849), “Relativo às aspiradas do grego antigo e do sânscrito” (1858), “Sobre a pronúncia das aspiradas no hindustani” (1859), “Relativo a um método novo de transcrição fonética” (1863), “A base fisiológica da metrificação do alto alemão moderno” (1871). Os títulos indicam como as investigações na fonética informavam não só os linguistas como Pott, mas também preparavam o caminho para algumas das publicações mais relevantes da linguística histórica, tal como os artigos de Grassmann e Verner.

2.4. O rigor crescente, exemplificado pelas obstruentes germânicas

As regras de Grimm que relacionavam as obstruentes do germânico com as nos demais dialetos indo-europeus impactavam de tal forma que em breve seriam conhecidas com a Lei de Grimm. Ainda são denominadas assim em dicionários comuns. Entretanto, as exceções permaneciam um problema a ser investigado.

A primeira exceção a ser solucionada foi a ausência da mudança de *p t k* quando seguiam as fricativas germânicas, p. ex., *sparwa* “pardal” (gótico) X *σπαρᾶσιον* [*sparásion*] “pardal” (grego); *stains* “pedra” (gótico) X *σῆα* [*sía*] “pedra” (grego); *skapis* “dano” (gótico) X *ασκηθης* (*a-skēthēs*) “ileso”, “indene”; *nahts* “noite” (gótico) X *νυκτος* (*nuktós*) “noite”(grego). Ficou evidente a vários linguistas na década de 1830 que a mudança não ocorria em grupos consonantais seguindo as fricativas germânicas. Essa observação não só resolveu um grupo de exceções, também alertou os linguistas a examinarem os sons no contexto de seu ambiente, e não somente como entes individuais.

O segundo conjunto de exceções a ser solucionado envolvia as consoantes aspiradas. Neste caso, Hermann Grassmann (1809-77) demonstrou que a exceção era nos dados do sânscrito e do grego, e não nos dados germânicos (1862). Se a família germânica fosse excepcional, formas como *bindan* (“amarrar”) do gótico, apresentariam cognatos no sânscrito e no grego como ***bhandh-* e ***phenth-*²; em lugar disso, porém, constatamos *badh-nāti* “amarra” em sânscrito e *πενθερος* (*pentherós*) “sogro” em grego. Ou seja, deparamo-nos com uma consoante não aspirada inicial, onde anteciparíamos uma consoante aspirada, se as correspondências da lei de Grimm fossem acatadas. A lei de Grassmann esclareceu a situação anômala, estipulando que o primeiro de duas consoantes aspiradas que ocorrem em sílabas sucessivas ou no ataque e no coda de uma mesma sílaba, perderá sua aspiração no sânscrito e no grego.

O artigo de Grassmann demonstrou também que o sânscrito não deveria ser considerado igual ao protoindo-europeu, mas que essa língua também havia passado

² Observe o uso do asterisco duplo para *negar* que a forma assim marcada tenha existido.

por mudanças importantes, tal como todas as demais dialetos da família indo-europeia. A descoberta de Grassmann teve a consequência adicional de que, a seguir, os linguistas examinavam vocábulos inteiros e não somente sons individuais ou sequências contíguas.

O terceiro grupo de exceções continha as palavras como *fadar* “pai” do gótico, que exibiam uma oclusiva *sonora* onde se esperaria achar uma fricativa que corresponderia a *t* (oclusiva dental *surda*) nos demais dialetos, tal como πατήρ (*patēr*) “pai” em grego. Grimm havia notado essa palavra grega, mas desconsiderou o posicionamento do acento tônico. Karl Verner (1846-96) publicou um artigo em 1875 em que demonstrou que as oclusivas surdas indo-europeias em ambientes sonoros passaram a ser fricativas sonoras, se não fossem precedidas pelo acento.

O artigo de Verner teve um tremendo impacto, talvez maior que qualquer outro que foi publicado na área. Seu resultado mais significativo foi provavelmente o fato de a descoberta da Lei de Verner ter feito com que os linguistas confiassem poder resolver qualquer dificuldade, se considerassem todos os dados.

Outro resultado da descoberta da Lei de Verner foi que alertou os linguistas para a importância de examinar o acento e outros fenômenos suprasegmentais. Após 1875, muitos artigos foram publicados em que mudanças sonoras complexas foram explicadas como sendo o resultado do acento.

Ainda outro resultado do trabalho de Verner foi de levar os estudiosos a investigarem os princípios de metrificação na poesia antiga. Uma quantidade significativa de obras foi publicada que tratava da forma poética germânica e das convenções métricas nos vários dialetos antigos, como também noutras línguas. O foneticista brilhante, Eduard Sievers (1850-1932), por exemplo, se interessava pelas formas poéticas do hebraico antigo.

Após meio século de reunir e descrever os dados, o cenário estava pronto para explicar os fenômenos linguísticos. Vários jovens linguistas brilhantes, principalmente estudantes da Universidade de Lípsia, estabeleceram um grupo que partiu para tratar da linguagem em conformidade com princípios específicos. Zombados de “neogramáticos” por seus colegas mais velhos, eles adotaram esse nome. Os estudos linguísticos subsequentes eram direcionados por eles.

2.5. Os neogramáticos

Cheios de confiança após os artigos impressionantes de Grassmann e Verner, os linguistas que foram atraídos a Lípsia para estudar sob o conceituado filólogo, Georg Curtius (1820-85), formulavam os princípios que estabeleciam as diretrizes para o esclarecimento da família indo-europeia e, com referência a isso, outras famílias linguísticas. Karl Brugmann (1840-1919) escreveu o artigo que fixou seu rumo. August Leskien (1840-1916) realizou trabalhos notáveis, principalmente na área das línguas eslavas, enquanto insistia nos princípios norteadores de modo ainda mais enfático do que Brugmann. Berthold Delbrück (1842-1922) era o especialista em sintaxe do grupo. Hermann Osthoff (1847-1909) colaborava com frequência com Brugmann, com muitas monografias influentes de sua autoria, tal como seu artigo conhecido sobre o tempo perfeito indo-europeu. Aqui, ocupar-nos-emos principalmente com o ensaio de Brugmann a que se refere com frequência como o “manifesto neogramático”, já que é uma das poucas declarações na disciplina da linguística que todo linguista deveria

conhecer. Como introdução, entretanto, recapitularemos brevemente a situação da linguística na época.

A enorme gramática de Bopp fora substituída por um manual mais breve, porém, mais probo composto por August Schleicher (1821-68). Em seu *Compêndio* de 1871, Schleicher tentou aplicar os procedimentos das ciências naturais. Neste esforço, ele foi influenciado fortemente pelas ideias sobre a evolução. É possível que tenham sido tais noções que lhe inspiraram a reconstruir as formas do protoindo-europeu. Embora ele realizasse trabalhos de campo relevantes sobre o lituano, Brugmann e seus colegas opinavam que, naqueles tempos, muita atenção estava sendo devotada às línguas mortas. Nas palavras do próprio Brugmann, “as línguas eram investigadas, de fato, muito avidamente, mas o ser humano que fala, bem pouco (Lehmann, 1967: 198³). Se essa afirmação também fosse dirigida contra Schleicher ou não, muitos linguistas o consideram um precursor direto dos neogramáticos.

Em seu ensaio, Brugmann visualiza a linguagem como possuída de uma base dupla, psicológica e física. Criticou seus antecessores por terem pouca consideração pela base psicológica da fala, porque somente através de tal conhecimento chegar-se-ia a entender a mudança sonora. Uma perspectiva psicolinguística da linguagem tal como a dele é atribuída muitas vezes a movimentos posteriores. No entanto, veremos que Trubetzkoy enfatizou o mesmo argumento do que Brugmann em seu trabalho fundamental publicado sessenta anos depois do “manifesto”.

Ademais, na visão de Brugmann, era preciso estudar as línguas vivas de hoje se queria-se analisar as línguas do passado. Num de seus argumentos mais relevantes, Brugmann exortou o “linguista comparativista” a sair do “ambiente da oficina ofuscado de hipóteses ... e a entrar nos ares límpidos da realidade tangível e da atualidade” (Lehmann, 1967: 202, tradução minha), recomendação essa que não está sem pertinência para tempos posteriores.

Defendendo semelhante posição, Brugmann afirmou os “dois princípios mais importantes do movimento neogramático: primeiro, cada mudança sonora ocorre em conformidade a leis que admitem nenhuma exceção. Segundo, a associação formal, ou seja, a criação de formas novas pela analogia, faz um papel muito importante na vida da linguagem” (Lehmann, 1967: 204).

Esses princípios foram expressos de maneiras diferentes, tal como a mudança sonora ocorre sem exceções. Contudo, dado que Brugmann insistia na base psicológica das mudanças, as “leis” para ele controlam a forma interna da linguagem. As inter-relações morfológicas e sintáticas podem modificar seu funcionamento. Ele exemplificava a interação entre os dois princípios brevemente, no ensaio curto, sustentando particularmente que a analogia operava nas línguas antigas de igual modo de que produz efeito nas línguas de hoje. Às vezes, os princípios eram exagerados; tal como eram aplicados por Brugmann, essas acepções fundamentais provocavam monografias excepcionais cujo conhecimento ainda hoje continua sendo relevante e a sua gramática indo-europeia fundamental.

A referida gramática foi empreendida em parceria com Delbrück, que preparou as seções sobre a sintaxe, enquanto Brugmann se incumbiu da fonologia e da morfologia (1886-1900). Delbrück já publicara várias monografias sobre a sintaxe do sânscrito e do grego, em que foi demonstrado que essas línguas e, portanto, o protoindo-europeu eram

³ LEHMANN, Winfred P. (ed.) (1967). *A Reader in Nineteenth Century Historical Indo-European Linguistics*. Bloomington: University of Indiana Press.

línguas de tipologia verbo final. Além de asseverar esse fato de modo desambíguo, Delbrück chamou atenção a outras características OV, tal como o uso de posposições em lugar de preposições. A apresentação adotada por Delbrück difere um tanto da moderna, mas, apesar disso, ela é evidente. Não obstante, alguns especialistas modernos não aceitam as conclusões de Delbrück sobre a estrutura OV da protolíngua que foram baseadas num conhecimento aprofundado dos textos antigos e, posteriormente, verificadas pelos dados coletados do hitita. A sintaxe de Delbrück, publicada em três volumes entre 1893 e 1900, ainda constitui um manual essencial.

Os dois autores acabaram discordando sobre a distribuição dos materiais entre a morfologia e a sintaxe, de maneira que Brugmann publicou a segunda edição (1897-1916) sozinho. É extremamente importante conhecer os pontos de vista que formam a base do manual. No prefácio, Brugmann chama sua abordagem “sistemático” em lugar de “histórico”; ele afirma que o momento ainda não chegou para uma apresentação histórica do protoindo-europeu. Com frequência, estudiosos posteriores não interpretavam o manual sempre conforme sua abordagem. Num sentido, a obra é descritiva; estão incluídas listagens extensas das formas que ocorrem. Por Brugmann ter sido meticuloso com seu tratamento dos fatos, seu trabalho não foi substituído e é provável que nunca seja, ainda que descobertas posteriores, tal como a das línguas da família anatólica (quatro línguas extintas – hitita, lúvio, palácio e lício – faladas na região da atual Turquia), tenham expandido nossas informações.

Conforme a apresentação sistemática de Brugmann, um conjunto extenso de sons foi reconstruído para o protoindo-europeu, em lugar do sistema fonológico que se postula. Maior discussão de seus procedimentos seria desejável e útil para os especialistas do indo-europeu. Entretanto, o que é essencial para os nossos fins neste manual é sermos conscientes de sua posição sistemática e atentos a suas importantes monografias, as quais, infelizmente, ainda não foram disponibilizadas em traduções portuguesas.

Enquanto os linguistas em Lípsia esclareciam muitos problemas da linguística indo-europeia, em Munique, Hermann Paul (1846-1921) produziu o manual teórico daquela época. Seu *Princípios de Linguística Histórica* passou por cinco edições entre 1880 a 1920, a última edição sendo reimpressa. Paul também enfatizava muito a psicologia. A interpretação incorreta do título de seu livro levou-o a ser considerado apenas direcionado aos estudos diacrônicos; o termo ciências “históricas”, contudo, se refere, na verdade, a nossa expressão ciências “humanas, sociais e comportamentais” em contraste com as ciências “físicas e ahistóricas”. Já foi notado acima que os cientistas modernos utilizam uma terminologia semelhante ao classificarem as ciências físicas e químicas como experimentais, mas a geologia, a biologia evolucionária e a astronomia são classificadas como históricas. É evidente que a linguística pertence a esse conjunto e não àquele, porque a linguagem e as línguas estão mudando constantemente. Contudo, com sua ênfase nas línguas mais antigas, o livro de Paul podia ter focado muito na mudança. Quando Leonard Bloomfield (1887-1949) – outrora estudante em Lípsia – resolveu escrever seu livro sobre a linguagem, ele o imaginava como um suplemento ao livro de Paul, com maior atenção à linguística descritiva.

Os neogramáticos eram muito produtivos. Eles fundavam revistas. Eles escreviam manuais, tal como o sobre o inglês antigo por Eduard Sievers (1850-1932). Tais obras seguem o modelo estabelecido pelo manual de gótico escrito por Wilhelm Braume (1850-1926). Muitos desses manuais foram reeditados, porém nenhum tantas vezes

quanto a *Gramática gótica* de Braume, atualmente na sua décima-nona edição, preparada por Ernst A. Ebbinghaus. Os neogramáticos solucionavam muitos problemas, inclusive os fundamentos da poesia aliterativa germânica; e eles resumiam suas descobertas em *Grundrisse* (literalmente, “esboços”), não só o de Brugmann, mas também o de Paul sobre o germânico, o de Bühler sobre o índico, o de Geiger e Kuhn sobre o avestão, a grande gramática comparativa de Brockelmann sobre o semítico. Esses volumes fornecem tratamentos enciclopédicos de muitos temas, além da linguística. Ainda vale a pena consultá-los, especialmente os que foram atualizados. No entanto, se modernizado ou não, os *Grundrisse* e os grandes gramáticas comparativas dos neogramáticos permanecem manuais de valor.

2.6. Ferdinand de Saussure

Se algum indivíduo na linguística merece uma seção particular neste capítulo, sem dúvida alguma, é Ferdinand de Saussure (1859-1913). Nascido numa abastecida e conhecida família suíça, que contribuía membros renomados em várias áreas através de várias gerações, Ferdinand de Saussure ingressou na Universidade de Lípsia em 1876, que era o centro dos estudos linguísticos na época. Foi lá que ele publicou a conceituada monografia, *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. A publicação foi lançada em dezembro de 1878, com a data explícita de 1879, o que tem provocado problemas bibliográficos desde então. No *Mémoire*, Saussure tratou as raízes de forma algébrica, postulando como a forma canônica para o protoindo-europeu a sequência *C[onsoante]-e-C[onsoante]*. Qualquer raiz que não se conformasse ao padrão, na hipótese de Saussure, haveria sofrido uma perda de certos elementos; por exemplo, *ag-* “conduzir”, *(s)tā-* “ficar em pé”, *dō-* “dar”. Aos elementos perdidos, Saussure denominou *sonants coefficients* (“sonantes coeficientes”). O *Mémoire* foi reconhecido como uma contribuição brilhante, mas sua mais brilhante conclusão não foi aceita até que Kuryłowicz em 1927 associou os sons transcritos com *h* em hitita com os *sonantes coefficients* de Saussure. A hipótese de Saussure é uma das mais notáveis em nossa área, uma aplicação alucinante do método de reconstrução interna.

Quando o *Mémoire* foi publicado, Saussure estudava em Berlim. Ele voltou a Lípsia para o doutorado, escrevendo sua tese sobre o uso do genitivo absoluto em sânscrito. Durante a defesa de sua tese, conta-se que alguém da banca lhe perguntou se ele era um parente do Saussure famoso!

Depois de encerrar seus estudos, Saussure aceitou uma posição na École des Hautes Études em Paris em 1881, onde permanecia até aceitar uma cátedra em Genebra em 1881. Seu tempo em Paris levou a essa cidade substituir Lípsia como o centro dos estudos linguísticos, principalmente por seu aluno conhecido, Antoine Meillet (1866-1936).

Saussure publicou pouco. No período entre 1907 e 1911, ele proferiu três séries de palestras sobre a linguística geral. Wilhelm Streitberg expressou em seu obituário (Saussure faleceu em 22 de fevereiro de 1913) a esperança de que as palestras, interrompidas em 1912 por motivo da má saúde, fossem publicadas.

As palestras foram publicadas, de fato, como o *Cours de linguistique générale* (1916), e deveriam ser conhecidas por qualquer estudante de linguística. A publicação não está livre de problemas, entretanto, porque os alunos de Saussure, Charles Bally e Secheyaye que organizaram a primeira edição, tiveram que amalgamar as várias

palestras separadas e constituir alguma espécie de continuidade. Mais tarde, uma edição crítica foi publicada, colocando Saussure no mesmo nível de Shakespeare no que diz respeito aos estudos críticos. Por meio de estudos detalhados do texto do *Cours*, foi percebido que a tão citada conclusão do livro era, na realidade, obra dos editores.

Como quase todo estudante sabe, Saussure imaginava a estrutura subjacente da linguagem como um sistema social abstrato. Por meio de três palavras francesas, ele se refere à linguagem em geral como *langage*, à estrutura subjacente como *langue* e à fala como *parole*. Dessa maneira de enxergar a linguagem, o linguista suíço se distanciou da ênfase psicológica dos neogramáticos.

A seção que trata da linguística histórica é talvez a mais fraca do livro. Saussure a situou na *fala* (“parole”). De fato, é verdade que atividade ocorre na fala quando as pronúncias mudam, tal como no /-s/ em final de sílaba carioca, por exemplo, ou o /-t-/ intervocálico do inglês americano. Não obstante, o consenso atualmente é de que a verdadeira mudança está no sistema, ou seja na *língua* (“langue”).

Atribui-se a implantação do estruturalismo na linguística ao *Curso de Linguística Geral*. Na verdade, o livro simplesmente reafirmava a posição estrutural estabelecida por Schlegel e Cuvier. O impacto também era mais amplo, abrangendo o crítica literária e outras atividades tanto humanísticas quanto científicas. É curioso que o *Curso* recebeu apenas uma crítica pouca elogiosa nos Estados Unidos, escrita por Bloomfield em 1923. Uma justificativa parcial da recepção pouco entusiástica seria o fato do livro ter demorado alguns anos a ser lançado nos Estados Unidos, devido a um bloqueio de publicações sem sentido depois da Primeira Guerra Mundial. Quando o texto se tornou disponível, as ideias centrais já estavam conhecidas. Muitos comentários posteriores têm compensado o acolhimento inicial; dentre eles, as obras de Roy Harris são de recomendação especial.

2.7. Uma abordagem sociolinguística na linguística histórica

Enquanto os neogramáticos se concentravam em clarificar a família indo-europeia, bastante trabalho de campo era realizado. Linguistas americanos estudavam as línguas indígenas de seus continentes, linguistas alemães examinavam as línguas africanas e linguistas russos investigavam as línguas do Cáucaso. As descobertas impactaram fortemente nas teorias linguísticas. A análise minuciosa dos sistemas fonológicos das línguas eslavas levou Jan N. Baudouin de Courtnay (1845-1929) e seu aluno Mikolaj H. Kruszevski (1851-87) ao conceito moderno no fonema como um elemento sistemático da linguagem em contraste com as unidades fonéticas da fala.

A sociologia também se desenvolvia. O estudioso francês, Émile Durkheim (1858-1917), era particularmente influente. Seu efeito sobre o trabalho de Meillet está evidente nas palestras que Meillet proferiu à recém-constituído Instituto para a Pesquisa Comparativa na Cultura em Oslo e 1924. O próprio Instituto, com seu enfoque no trabalho realizado na região do Cáucaso, fornece ainda outras evidências do interesse pelo plano social da linguagem.

As palestras concisas de Meillet em Oslo são uma outra obra que cada linguista deveria se familiarizar. Seu conteúdo pode ser exemplificado por uma sentença da introdução: “uma língua não pode ser entendida se não temos uma noção das condições sob as quais vivem as pessoas que a usam” (1925 [ed. 1967]: 10). Lembremos que Brugmann asseverou algo semelhante em seu manifesto; sua ênfase, contudo, foi no

indivíduo, em concordância com o enfoque contemporâneo na psicologia. Meillet foi muito específico nas suas exigências que os linguistas tratassem da linguagem com referência à sociedade de seus falantes. Embora um aluno de Saussure, Meillet sustentou: “não são as normas que interessam o linguista, mas a maneira em que a linguagem é usada” (*ibidem*: 133). Após indicar algumas situações diferentes e observar que “o francês das gramáticas e dos dicionários é conhecido”, Meillet prossegue a afirmar que o francês “é somente um conjunto de regras. O que é relevante para o linguista é de saber como as pessoas que falam francês se comportam em relação às regras” (*ibidem*: 134). Seria difícil repudiar de uma maneira mais direta o enfoque na forma interna da linguagem à exclusão da fala.

Meillet foi um grande sintetizador, e um organizador habilidoso também. Ele publicou manuais sobre quase todas as línguas indo-europeias, como também sua obra competentíssima *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*, cuja oitava edição foi produzida por seu aluno brilhante Émile Benveniste em 1937, um ano após a morte de seu autor. Ao utilizar seu trabalho, nota-se que Meillet preferia evitar as reconstruções. Durante seus palestras avidamente assistidas, diz-se que ele nunca enunciou nenhuma forma reconstruída. As palestras atraíam estudiosos de vários países. Todos os destacados participantes do grupo linguístico em Oslo, Marstrander, Sommerfelt, Morgenstierne, Vogt, Borgström, Stang e Bergsland foram para Paris para estudar com Meillet. Quando alunos franceses promissores lhe procuravam, segundo os boatos, Meillet os dirigia para as áreas onde havia poucos pesquisadores. Benveniste foi preparado para ser seu sucessor e foi muito produtivo, apesar de graves tragédias pessoais. Ele e linguistas como Renou para o sânscrito, Chantraine para o grego, Ernout para o latim, Vendryès para o celta, Fourquet para o germânico, dentre outros, transformavam Paris no centro de estudos linguísticos incontestado entre as duas guerras mundiais. Além de seu ensino, cada um desses indivíduos produziu obras conceituadas em suas áreas de atuação.

É útil contrastar as obras, como os dicionários etimológicos, produzidas na tradição neogramática com as da tradição francesa. De modo a exemplificar, o dicionário etimológico do latim de Alois Wade foca na forma; o de Ernout e Meillet, por outro lado, se concentra na investigação das palavras e de seus significados. No prefácio que escreveram, os dois autores franceses afirmam não almejarem a substituição do dicionário de Wade. Seu objetivo é de “esclarecer as palavras tal como elas eram utilizadas do indo-europeu até o latim, e a não limitar-se a disseção linguística” (1967: vii).

A linguística se beneficia de ter as duas tradições. Alguns estudantes, como o notado especialista em línguas celtas, Myles Dillon, tiveram a sorte de estudar sob ambas as escolas. O restante de nós tem de consolar-nos com a consulta dos manuais produzidos por cada tradição.

A Segunda Guerra Mundial e suas causas desastrosas infelizmente interromperam tanto a tradição francesa quanto a alemã. Nesse meio tempo, uma abordagem um tanto diferente era desenvolvida em Praga, com a assistência de dois estudiosos russos brilhantes, Nikolai S. Trubetzkoy (1890-1938) e Roman Jakobson (1896-1982). A Segunda Guerra também direcionou sua influência, em grande medida, até os Estados Unidos.

2.8. Trubetzkoy e a síntese das bases psicológicas e sociológicas da linguagem

Depois da Segunda Guerra Mundial, os desenvolvimentos inovadores na linguística histórica eram estimulados principalmente pela pesquisa teórica e pelas descobertas arqueológicas. A pesquisa teórica investigava muito mais minuciosamente do que havia sido examinado anteriormente as relações entre os elementos na linguagem, começando com trabalhos na área da fonologia. As descobertas arqueológicas forneciam novos materiais inesperados, mas também melhoravam de maneira significativa a compreensão de achados arqueológicos por motivo da aplicação de técnicas científicas exatas à análise e explicação das descobertas.

Os avanços fonológicos foram apresentados na terceira obra que todo linguista deveria conhecer: *Grundzüge der Phonologie* de N. S. Trubetzkoy de 1939, traduzido como *Princípios da Fonologia*. Tal como Roman Jakobson, Trubetzkoy veio a ser associado com os conhecidos linguistas em Praga. Entre as contribuições prévias dos linguistas de Praga estava a aplicação de princípios formais ao discurso. Na tradição linguística anterior, o discurso era tratado sob a perspectiva da estilística ou da retórica, conseqüentemente, um tanto separado da linguística propriamente falando. Mathesius e outros aboliram essa separação e formalizaram a análise do discurso, porém, sem ganhar um grupo de seguidores grande, até recentemente, quando a investigação das línguas indígenas demonstrou a necessidade de pressupor um nível de estrutura linguística mais alto do que a sintaxe.

Como a apresentação do importante trabalho Trubetzkoy mostra, ele fez a contribuição essencial de combinar a visão social de Saussure do sistema de linguagem com a perspectiva psicológica dos neogramáticos.

De modo a exemplificar a ótica pela qual Trubetzkoy tratava a fonologia, indicamos que ele seguia Saussure em distinguir cuidadosamente entre o *ato de fala* e o *sistema de linguagem*. O ato de fala é, em seus termos, sempre único; o sistema de linguagem, por outro lado, é geral e constante, compartilhado por todos os integrantes de uma comunidade de fala. Essa visão da linguagem se aplica tanto às línguas reconstruídas como o protoindo-europeu quanto ao grego clássico e às línguas modernas.

Também seguindo Saussure, Trubetzkoy distinguia entre o *significante* e o *significado*. No ato de fala, o significado é uma comunicação concreta. Dentro do sistema, entretanto, o significado consiste de regras fonológicas, morfológicas, sintáticas, discursais e léxicas abstratas. Do modo parecido, o significante no ato de fala é uma corrente sonora concreto, enquanto, no sistema de linguagem, o mesmo consiste de regras conforme as quais os sons são ordenados. Para exemplificar isso no nível fonológico, pelo qual Trubetzkoy costumava interessar-se, distinguimos a corrente sonora, ou o aspecto fonético, na nossa análise ao colocarmos os segmentos que identificamos entre colchetes, por exemplo, *cat* [k^hæt[̄]] “gato” em inglês. A letra *h* sobrescrita indica a presença de aspiração diante da vogal tônica, enquanto o caráter = expressa a ausência de aspiração. As regras, ou o aspecto fonêmico, por outro lado, são escritas entre barras, indicando apenas os elementos que expressam contrastes significantes, ou seja, /kæt/. As regras incorporam valores; querendo dizer, elas levam significado.

Ademais, o sistema de linguagem é composto de vários sistemas parciais. Nestes, por exemplo, as categorias gramaticais formam um sistema gramática, as categorias semânticas compõem sistemas semânticos, e assim adiante. A linguagem, pois, é enxergada de um modo parecido às apresentações históricas importantes. Os manuais históricos podem restringir-se ao tratamento de apenas alguns poucos sistemas, tipicamente o fonológico e o morfológico. No entanto, os tratados amplos, tal como a gramática de grego de Schwyzler e a do latim de Leumann, abrangem a sintaxe também e além disso a estilística, quer dizer, o discurso.

De modo a uma última observação, podemos citar da introdução densa de Trubetzkoy sua lembrança de que no primeiro congresso internacional de linguistas em 1928, três estudiosos russos advogaram uma perspectiva holística no estudo da linguagem e uma extensão dos princípios tanto a linguística histórica quanto à descritiva.

Dos muitos tópicos relevantes nos *Grundzüge*, trataremos somente do conceito da *marcação*. Trubetzkoy, como os linguistas anteriores, considerava que as unidades fonêmicas eram determinadas por oposições. Por tais oposições, os sons são distintivos, ou seja, eles são fonêmicos. Por exemplo, em português, o /k/ inicial de *cabra* difere do /p/ inicial de *pato*, de modo a eles serem elementos distintivos no português. Além disso, se considerarmos o /k/ inicial de *cat* e o /p/ inicial de *pat* em inglês, ambas as consoantes exibem aspiração nessa posição antes de uma vogal tônica; mas essa aspiração não é distintiva e, por conseguinte, não é fonêmica. Kenneth Pike abreviou os termos para essa observação fundamental sobre a linguagem a nível *êmico*, p. ex., /k/, o nível *ético*, p. ex., [k^h]. Pike e seus seguidores estenderam a observação a muitas atividades sociais, como as práticas alimentícias e os jogos e as brincadeiras.

Igualmente, *bat* e *gat* exibem consoantes iniciais distintivas e, conseqüentemente, /b/ e /g/ são fonemas do inglês, tal como /b g/ em *bato* e *gato* em português. O alemão é uma língua muito parecida ao inglês nesse respeito. A língua discrimina entre /p b k g/, tal como em *platt* “plano”, *Blatt* “folha”, *Klatt* “antropônimo”, *glatt* “liso”. Contudo, quando *b d g* ocupam o final de um vocábulo, sua articulação não é vozeada, de modo que o tempo pretérito de *geben* é *gab* [ga:p], a terceira pessoa do singular do presente do indicativo é *wird* [virt] e o singular de *Tage* “dias” é *Tag* [ta;k]. Em um par de fonemas que contrastam diretamente, como /t d/, a unidade com o traço que é eliminado em determinadas posições recebeu o rótulo de “marcado” de Trubetzkoy; isso quer dizer, o vozeamento de obstruentes em alemão envolve uma *marca* adicional. O conceito da *marcação* foi ampliado consideravelmente e é avaliado como uma das contribuições teóricas importantes da linguística recente.

A noção da *marcação* se aplica também aos elementos gramaticais e léxicos. Podemos exemplificar isso pelas partes principais diferentes do verbo *dive* /dajv/: *dove* /dov/, *diven* /dovn/ X *dived*, *dived* /dajvd/. Uma situação paralela no português é a existência de variantes para os participios de verbos como *chegar*, ou seja, *chegado* X *chego*. As duas formas mais antigas (*dove*, *diven*) são marcadas de uma maneira parecida às obstruentes vozeadas alemãs; elas exibem uma composição mais complexa e estão em vias de serem substituídas pelas formas regulares. Igualmente, *brother* tem dois plurais, *brothers* e *brethren*. A segunda palavra tem um significado especial, para referir-se aos membros de um grupo fechado (como uma comunidade monástica, por exemplo); conseqüentemente, esse é o membro marcado do par. Os elementos marcados na morfologia, na sintaxe, no léxico e por toda a linguagem possuem valores ou significados

especiais, são atestados numa quantidade menor de menos posições ou são utilizados com menos frequência e muitas vezes estão sendo substituídos.

A carreira de Trubetzkoy foi truncada por sua morte prematura em 1938, mas Jakobson se estabeleceu em Cambridge, Massachusetts. Desde lá, sua influência continuava a estender-se até sua morte.

As ideias de Jakobson eram especialmente influente no movimento generativo. Além do conceito da marcação, ele introduziu o uso dos traços distintivos em lugar dos fonemas inteiros. Como veremos, a expressão de regras em termos dos traços distintivos é muito mais exata do que as regras expressas em fonemas. O termo “generativo” na opinião de seu principal expositor, Noam Chomsky, significa “explícito”. Chomsky também explicou que, já que uma gramática deveria ser totalmente explícita, a expressão “gramática generativa” trata-se de uma tautologia. Ao identificar tipos de relação na linguagem, tal como através da marcação, e os componentes específicos dos sons que são modificados na mudança, o movimento generativo acrescentou maior exatidão tanto aos eventos quanto aos processos na vida da linguagem, reafirmando, tal como fizeram Trubetzkoy e Brugmann, os princípios básicos dos fundadores da linguística histórica.

2.9. A tipologia e a linguística histórica

Em um de seus últimos artigos, Trubetzkoy discutiu a melhor estrutura fonológica para uma língua auxiliar internacional, como o esperanto. Ao examinar línguas como o chinês, em que não há /r/ que contraste com /l/, e como o japonês, em que não existe /l/ que se oponha a /r/, o eminente linguista propôs, entre outras sugestões, que somente uma consoante líquida seja incluída no inventário fonológico de uma língua auxiliar. Entre as muitas implicações decorrentes do artigo, notamos apenas que nele, Trubetzkoy aplicou descobertas tipológicas a uma área em que tal conhecimento havia sido desconsiderado. Isso porque o esperanto e as demais línguas internacionais simplesmente incorporavam os sistemas fonológicos de línguas europeias, isso quer dizer, os sistemas de falantes para quem tais línguas são muito menos necessárias do que para falantes na Ásia e na África.

Outro artigo desafiador, “Considerações acerca do problema indo-europeu” (1939b), sugeriu que o protoindo-europeu era um amálgama de línguas e não uma língua como o latim de que as várias línguas românicas se desenvolveram, mas antes uma língua constituída como um crioulo quando grupos diferentes se fundiram numa sociedade unificada. Esse artigo selecionou seis características tipológicas do protoindo-europeu, todas as quais são compartilhadas com línguas vizinhas. Resumindo, descobertas tipológicas na gramática foram utilizadas, servindo-se dos resultados de investigações tipológicas para resolver um problema histórico.

Como mencionamos com respeito ao século XVIII e o período anterior, a tipologia possui uma trajetória longa na linguística, mas ela acabou sendo afogada na onda de enorme interesse histórico que seguiu os trabalhos de Bopp e Grimm. Seu esquecimento ocorreu apesar da alta consideração de Wilhelm von Humboldt (1767-1835), um de seus defensores mais ávidos. Sua publicação mais notável, *Sobre a variedade estrutural da linguagem humana e sua influência no desenvolvimento intelectual da humanidade* (1836), parte para examinar os vários tipos de língua em relação a seus falantes. Para Humboldt, a linguagem “possui apenas uma existência ideal nas cabeças e nos espíritos

dos homens, nunca uma existência material” (em Lehmann, 1967: 63) – isso é, ele se interessa pela forma interna.

O tratado de Humboldt propõe certas generalizações, tal como o seguinte:

“Ninguém pode negar que o chinês do estilo antigo leva uma dignidade imponente pelo fato de que somente conceitos de peso se vinculam diretamente, e desta maneira a língua atinge uma grandeza simples ao parecer fugir para o puro pensamento através da fala que se desfaz de todo relacionamento secundário desnecessário. O verdadeiro malaio é louvado não indevidamente por sua facilidade e a grande simplicidade de suas construções. As línguas semíticas preservam um arte admirável de distinções de significado sutis através de muitas gradações vocálicas. O basco possui em sua formação de palavras e em suas construções uma força particular que procede da brevidade e da coragem de expressão. O delaware e outras línguas americanas combinam numa única palavra uma quantia de conceitos, para cuja expressão nós precisaríamos de muitas.”

(*ibidem*, 66)

Enquanto tais caracterizações podem ser admiráveis, elas não são o suficiente formalizadas para aplicarmos aos desenvolvimentos históricos. Em contraste, alguns linguistas do século XIX pressupunham uma progressão desde as línguas analíticas, como o chinês, até as línguas sintéticas, como o Delaware, no decorrer do desenvolvimento linguístico. Dado que outros linguistas propuseram exatamente o processo inverso, as propostas não eram reveladoras. A principal preocupação dos tipologistas do século XIX foi a morfologia, por motivos compreensíveis, como veremos em aulas futuras; contudo, isso beneficiou pouco aos estudos históricos da linguagem por faltarem tratamentos de características sintáticas.

Por outro lado, a sistematização da fonologia era muito útil para compreender a mudança. De igual relevância tem sido a sistematização da sintaxe. Greenberg indicou num artigo importante de 1963 que as línguas em que o verbo ocupa a posição final também exibem posposições, portanto, vinculado as duas construções e outras pelo papel da regência. Ademais, tais línguas apresentam orações relativas antepostas, gentivos e adjetivos, ligando as três construções e outras pelo papel da modificação ou da concordância.

A série de observações no artigo se mostravam muito relevantes na investigação histórica da sintaxe. Os poemas anglo-saxônicos e outros materiais contêm posposições e outros resíduos da tipologia do verbo final. Essas relíquias foram perdidas aos poucos. Podemos concluir disso que o inglês (como o português) se desenvolvia de uma língua de verbo final para uma língua em que os verbos vêm antes dos objetos, ou seja, de uma estrutura OV até uma estrutura VO. Quando nos deparamos com situações semelhantes noutros grupos linguísticos indo-europeus como índico, grego, itálico, etc., concluímos que o protoindo-europeu era uma língua de verbo final. Dessa maneira, a tipologia nos ajuda a explicar muitas construções nas fases mais antigas da língua e contribui a reconstruir tanto a sintaxe quanto a morfologia e a fonologia da língua.

Como veremos em seguida, esclarecimentos adicionais da tipologia foram fornecidos pelo crescente compreensão das línguas ativas-estativas. Aplicado de modo privilegiado na gramática compreensiva do protoindo-europeu de Gamkrelidze e Ivanov

(1984), o entendimento esclarece muitos problemas na protolíngua e permite uma reconstrução mais assegurada do protoindo-europeu.

2.10. A linguística histórica hoje

Tal como foi notado acima, as investigações arqueológicas forneciam novos materiais importantes para o linguistas históricos aproximadamente a partir do início do século passado. Escavações em Boğazköy (Boghazköy), aproximadamente cento e cinquenta quilômetros ao leste de Ankara, na Turquia, revelaram quantidades grandes de tabletes cuneiformes, muitos deles escritos na língua hitita. No Turquestão chinês, materiais tocários foram descobertos em cavernas. Em Creta, tabletes foram descobertos que demoraram a ser decifrados; as duas escritas diferentes foram chamadas simplesmente linear A e linear B. Descobertas semelhantes foram realizadas para outras famílias linguísticas, como a semítica. As escavações em Ras Shamra e a Ebla produziram muitas contribuições à linguística semítica. Igualmente, as inscrições pré-históricas descobertas em Banpo, tal como materiais desenterrados noutros sítios arqueológicos na China trouxeram uma nova animação aos estudos chineses antigos. Muitas descobertas atravessam as fronteiras linguísticas, tal como os símbolos que esclareciam as origens da escrita. No decorrer do tempo, essas descobertas modificaram em grande medida nossa visão dos períodos antigos dessas línguas.

Tantos avanços recentes ocorreram que conseguimos incluir apenas alguns exemplos. A descoberta do hitita forneceu evidências de que os coeficientes que Saussure postulou em 1879 eram sons de verdade na língua. Chamados laríngeos, sua identificação por Kuryłowicz em 1927 provocou modificações consideráveis ao sistema fonológico e também morfológico que foi proposto para o protoindo-europeu.

A escrita linear B foi decifrada na década dos 1950 por Michael Ventris, que utilizou os princípios da criptografia que havia aprendido na Segunda Guerra Mundial. Os tabletes disponibilizaram o grego de 1450 a.C., uma data proposta para alguns poemas védicos, mas nenhum outro material indo-europeu, além desses, apesar de uns quantos textos em hitita antigo. Antes disso, os mais antigos textos gregos de que dispúnhamos eram os épicos homéricos, fixados em sua forma atual quase setecentos e cinquenta anos mais tarde. Embora o grego micênico fosse escrito numa escrita silábica pouco adequada para uma língua indo-europeia, os textos têm sido de valor tanto para os estudos históricos do grego como para as investigações indo-europeias.

A descoberta do tocário provocou uma revisão das divisões dialetais do protoindo-europeu. Situado no extremo leste, o tocário manteve velares que haviam se transformado em sibilantes nas famílias báltica, eslava, albanesa, armênia e indo-iraniana. Antes, acreditava-se haver um isoglossa entre o indo-europeu oriental e ocidental. Agora ficou evidente que a transformação de velares em sibilantes representou uma mudança sonora que se estendia através de apenas uma porção do esfera indo-europeia.

Quando consideramos outras famílias linguísticas, encontramos especialistas aplicando os mesmos princípios do que os especialistas em indo-europeu têm utilizado. Algumas dessas contribuições, apresentadas em 1987, estão reunidas na coletânea *Linguistic Change and Reconstruction Methodology* organizado por Baldi e publicada em 1990. Os trabalhos tratam de seis agrupações linguísticas: línguas indígenas americanas (pp. 17-129), línguas austronésias (pp. 133-267), línguas indo-europeias (pp. 271-390),

línguas australianas (pp. 391-472), línguas altaicas (pp. 479-561) e línguas afro-asiáticas (pp. 565-721). Restrições de espaço não permitem que resumamos mais aqui. Sugerimos que estudantes interessados consultem o livro para avançar suas próprias preocupações. O texto fornece uma boa oportunidade para informar-se sobre como especialistas nessas línguas consideram ser o estado de sua área de pesquisa os problemas e as possibilidades investigativas, que são muitas. Não obstante, muitos grupos linguísticos não foram incluídos.

Importante entre as família omitidas é o sino-tibetano, a família que, com o indo-europeu e o afro-asiático possui textos escritos que cobrem mais de três mil anos. Comentários selecionados pode exemplificar o estado da pesquisa em cada uma. O resumo geral de Stephen J. Lieberman nota que “a reconstrução do filo afro-asiático tem sido muito mais bem-sucedida em descobrir palavras estruturais e usos sintáticos e desenvolvimentos históricos cognatos do que tem sido em produzir uma listagem de raízes morfológicas reconstruíveis” (Baldi, 1990: 570). Jerry Norman, em contraste, afirma que

uma afinidade chino-tibetano-birmanesa é inegável, embora surpreendentemente pouco tenha sido realizado na área da comparação linguística sino-tibetana. As correspondências entre o chinês e o tibetano-birmanês nunca foram elaboradas em detalhe; e até isso for feito, o trabalho comparativo não poderá decolar a sério.

(1988:13)

Esses comentários exemplificam que em termos de estudos aprofundados de uma família linguística, incluída a gramática da protolíngua com seu léxico e informações sobre a cultura de seus falantes, temos somente a família indo-europeia.

Uma obra grande, com o título significativo de *O indo-europeu e os indo-europeus* (*Indo-European and the Indo-Europeans*), de Thomas Gamkrelidze e V. V. Ivanov (1984), tem disponibilizado tal informação durante mais ou menos uma década; a excelente tradução para o inglês por Johanna Nichols fará o livro mais acessível a um público significativamente maior. A distribuição das páginas – 368 páginas para a gramática e aproximadamente 600 para o léxico e os dados culturais – oferece uma ideia da atenção da preocupação dos autores com a recomendação de Brugmann de investigar “o ser humano que fala” ademais da língua.

Tal preocupação se manifesta também no grande número de trabalhos publicados por arqueólogos que procuram identificar as localizações mais antigas dos falantes – sua chamada “pátria”. Várias opiniões sobre a pátria indo-europeia têm atraído bastante interesse, até nas mídias populares. Em seu livro *Archaeology and Language: The Puzzle of Indo-European Origins* (1987), Colin Renfrew associou a expansão dos indo-europeus com a difusão da agricultura e, conseqüentemente, situou seu território ancestral na Turquia central. Entretanto, essa associação não é necessária; americanistas demonstraram que a difusão da agricultura à base de milho do México até o norte não contou com a introdução de novas línguas.

Numa visão alternativa, proposta por Schader e outros no século XIX, a pátria era no sul da Rússia. Essa hipótese tem recebido o apoio entusiástico de Marija Gimbutas, que estabeleceu o nome *cultura dos kurgans* para o estilo de vida dos falantes antigos das línguas indo-europeias. J. P. Mallory defende a localização no sul da Rússia em seu

livro, *In Search of the Indo Europeans: Language, Archeology and Myth* (1989). Ademais, David W. Anthony descobriu a mais antiga evidência para o uso do freio nos cavalos na Rússia meridional; os equinos eram essenciais para o transporte na economia indo-europeia e também nos ritos religiosos. Evidências culturais, como também evidência de associações com outras famílias linguísticas, tal como a fino-úgrica, substanciam a posição de Schader.

Embora tais temas seja propostos, muita pesquisa ainda terá que ser realizada para aumentar a certeza. As investigações arqueológicas produzem informações novas. Uma parte disso foi interpretada, como a descoberta de Denise Schmandt-Besserat da origem da escrita no uso de símbolos de barro. Tais emblemas são atestados primeiro nos estratos datados a cerca de 8000 a.C., por volta da época do surgimento da agricultura. Traçar a crescente sofisticação em seu uso até o primeiro sistema de escrita no Oriente Médio é de grande interesse, com muitas implicações que precisam ser investigadas. Destaca-se entre essas questões a pergunta de uma origem única ou múltipla para a escrita no mundo antigo, especialmente se os chineses chegaram à ideia da escrita através de informações vindas do Oriente Médio.

Enquanto especialistas nas várias famílias linguísticas procuram estabelecer com maior exatidão a gramática, o léxico e a cultura de protolínguas datadas por 5000 a 3000 a.C., outros pesquisadores tentam relacionar essas famílias linguísticas, derivando as protolínguas de uma que teria existido por volta de 10.000 a.C., ou até antes disso. O principal entre essas tentativas procura reconstruir o *nostrático*, a presumida língua materna do indo-europeu, afro-asiático, urálico e ainda outras famílias. Em seu trabalho, os nostraticistas aplicam uma versão enfraquecida do método comparativo. Diferentemente de Grimm, eles não explicam eventuais cognatos em todas as línguas e eles não fazem listas de exceções.

Joseph Greenberg tem seguido um procedimento parecido em que ele deriva quase todas as línguas indígenas das Américas do “ameríndio”. No entanto, seu objetivo é a classificação, não a reconstrução. Sem embargo, seus procedimentos de trabalho e suas conclusões receberam críticas violentas, tal como as em alguns artigos reunidos em Baldi (1990).

Sejam como forem os esforços e as conclusões de estudiosos individuais, a linguística histórica atualmente está vigorosa, favorecida com muitos problemas e esperançosa de soluções, especialmente quando informações adicionais são descobertas. Para a pesquisa e contribuições profícuas, os estudantes de linguística histórica devem estar familiarizados com sistemas de escrita, métodos classificatórios e princípios de mudança por todos os sistemas linguísticos. Após terem adquirido tais conhecimentos e competências, eles acharão muitas oportunidades para aplicá-los e produzir ainda mais novos avanços.